

Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano 11 nº 27 - Setembro/2022

ISSN 2675-2573

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

RAIMUNDO ALCEU DOS SANTOS FILHO

DESTAQUES



A PEDAGOGIA DE PROJETOS E O
DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDANTES
Aline Pereira Matias



O ENFRENTAMENTO À DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA
Elisângela Oliveira Silva



DESENVOLVIMENTO DO POVO PARA POVO NAS PROVÍNCIAS DE
BENGO, LUANDA E HUAMBO (1993-2013) NA PERSPECTIVA
HISTÓRICO-EDUCATIVA
Celestina Silepo



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunistas: Cleia Teixeira da Silva / José Wilton dos Santos

Colunista: Isac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

- Aline Lima Carvalho
- Aline Pereira Matias
- Celestina Silepo
- Elisângela Oliveira Silva
- Gabriela Amorim Guerra Bezerra
- Geni Santana Cardoso
- Ilda Helena Domiciano Paukoski
- Ismenia Maria Pires Vaz
- Jonatas Hericos Isidro de Lima
- Josefa Bezerra de Meneses
- Mateus Canivonga e Bela Cadete
- Neide Benedita de Moraes
- Rosinalva de Souza Lemes
- Rubia Mara Requena dos Santos
- Silvana Trindade de Azevedo
- Solange Alves Gomes Zaghi
- Tatiane Pavão Ongaro Borges
- Vanessa Izidorio de Arruda Domingues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano III, n. 32 (set. 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022.

118 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.32>



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Andreia Fernandes de Souza

Denise Mak

Isac dos Santos Pereira

Patrícia Tanganelli Lara

Thaís Thomas Bovo

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeilson Batista Lins

Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Me. Isac dos Santos Pereira

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Mestranda Cleia Teixeira da Silva

Prof. Doutorando Isac dos Santos Pereira

Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 98031-7887

Whatsapp: 55(11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)

netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)

https://primeiraevolucao.com.br

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>

<https://pixabay.com>

<https://www.pngwing.com>

<https://br.freepik.com>

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação. É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**



Filiada à:



Platform & workflow by
OJS / PKP



Google Acadêmico

CiteFactor
Academic's Scientific Journals

www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

Prof^a. Dra. Andréia Fernandes de Souza

16 DESTAQUE

Prof. RAIMUNDO ALCEU DOS SANTOS FILHO

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

COLUNAS

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira



08 Semeando Ideias

Cleia Teixeira da Silva / José Wilton dos Santos



ARTIGOS

| | |
|--|-----|
| 1. A PSICOMOTRICIDADE E O DESENVOLVIMENTO CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 19 |
| Aline Lima Carvalho | |
| ★ 2. A PEDAGOGIA DE PROJETOS E O DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDANTES | 23 |
| Aline Pereira Matias | |
| ★ 3. DESENVOLVIMENTO DO POVO PARA POVO NAS PROVÍNCIAS DE BONGO, LUANDA E HUAMBO (1993-2013) NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-EDUCATIVA | 27 |
| Celestina Silepo | |
| ★ 4. O ENFRENTAMENTO À DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA | 35 |
| Elisângela Oliveira Silva | |
| 5. A ARTE E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 45 |
| Gabriela Amorim Guerra Bezerra | |
| 6. A IMPORTÂNCIA DA CULTURA DIGITAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 51 |
| Geni Santana Cardoso | |
| 7. A ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA | 55 |
| Ilda Helena Domiciano Paukoski | |
| 8. A AVALIAÇÃO ESCOLAR E O ALUNO NESSE PROCESSO FORMATIVO | 61 |
| Ismenia Maria Pires Vaz | |
| 9. O LETRAMENTO E DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL | 67 |
| Jonatas Hericos Isidro de Lima | |
| 10. O LÚDICO COMO INSTRUMENTO NA FORMAÇÃO MORAL DA CRIANÇA | 73 |
| Josefa Bezerra de Meneses | |
| 11. PLANO CURRICULAR NO ENSINO SECUNDÁRIO DO PRÉ-UNIVERSITÁRIO (PUNIV)-LUANDA-ANGOLA | 79 |
| Mateus Canivonga e Bela Cadete | |
| 12. PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR | 85 |
| Neide Benedita de Moraes | |
| 13. CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 91 |
| Rosinalva de Souza Lemes | |
| 14. A EVOLUÇÃO DO E-LEARNING E SUAS PRINCIPAIS FERRAMENTAS DIGITAIS | 95 |
| Rubia Mara Requena dos Santos | |
| 15. A HORA DA HISTÓRIA E O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM | 101 |
| Silvana Trindade de Azevedo | |
| 16. A ALFABETIZAÇÃO DESDE A TENRA IDADE | 107 |
| Solange Alves Gomes Zaghi | |
| 17. A IMPORTÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO | 111 |
| Tatiane Pavão Ongaro Borges | |
| 18. O DESENHO COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA | 115 |
| Vanessa Izidorio de Arruda Domingues | |

Aos fins de semana me deparo com o pé-de-caqui. Seco, estagnado, galhos sem nenhuma perspectiva, parecendo com aquelas árvores de filmes de terror. Olho e penso acho que realmente ele morreu dessa vez. Nenhum inseto, nenhum broto, nada, investigo e percebo algum pedaço sem vida, faço a poda e concluo que não tem mais jeito.

Eis que a chuva, o frio, o calor e a intensidade da primavera chegam. O caquizeiro parece viver uma nova paixão. Se abre ao novo, lança suas folhas, suas flores e em menos de duas semanas é uma nova árvore, daquelas que conseguimos nos proteger do sol. Frondosa, acolhedora, me engana de novo, mais um ano. Logo disputaremos com as aves seus frutos.

Nosso trabalho vislumbra alguns caquizeiros ao longo do ano, parecem não estarem aqui, mas quando se dão conta de seu processo, crescem, produzem e nos encantam.

Que nesta chegada da primavera a edição de setembro sirva para inspirar, acorde aqueles projetos que você tem vontade de realizar, dê frutos e compartilhe com os demais.

Boa leitura! Boa plantação! E claro, boas colheitas!



Prof.ª. Dra. Andréia Fernandes de Souza

Licenciada em Artes Visuais, Pedagogia e Matemática. Doutora pela (UNIFESP). Professora Nota Dez em 2015 (VICTOR CIVITA). Professora dos anos iniciais na rede pública estadual e municipal de São Paulo.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR

NEIDE BENEDITA DE MORAES

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de discorrer a respeito do preconceito linguístico no ambiente escolar pois da mesma forma que a humanidade evolui e se modifica com o passar do tempo, a língua acompanha essa evolução e varia de acordo com os diversos contatos entre os seres pertencentes à comunidade universal. Assim, é considerada um objeto histórico, sujeito a transformações, que se modifica no tempo e se diversifica no espaço. Assim, a pesquisa contextual foi o método utilizado para discorrer sobre o tema. Quantas vezes ouvimos de pessoas próximas frases do tipo “eu não sei português”, “eu não gosto de português”, “eu falo errado”, “fulano fala tudo errado”, “eu já falo português, por quê preciso estudar isso?”, entre outras afirmações e questionamentos que fazem com que nossa língua se pareça com um mistério insondável? É possível que você, falante da língua portuguesa, possa não saber nada sobre seu próprio idioma? Foi possível entender que é preciso superar o preconceito linguístico para ultrapassar os obstáculos e garantir uma educação de qualidade para todos, a fim de superar o pensamento de que é preciso saber tudo e adentrar as minúcias gramaticais. Pois bem, quando o poeta gritou para o mundo que “canta em português errado”, na verdade ele sabia que, às vezes, “falar errado” deixa o idioma mais vivo e miscigenado como é característica do nosso país.

Palavras-chave: Alfabetização. Educação. Letramento. Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Temos que tentar compreender de uma forma um pouco mais acurada como os especialistas que refletem sobre as relações entre linguagem e sociedade compreendem as implicações do preconceito linguístico para o ensino de língua. Assim como qualquer outro elemento da humanidade, a linguagem também se modifica através dos tempos, sendo denominada um organismo vivo dentro da sociedade ela sofre as mais diversas transformações a partir do seu uso pelos falantes e o conseqüente contato entre eles.

Desde o nascimento, o indivíduo possui formas internalizadas da linguagem, e assim, escutando outras pessoas conversarem, consegue, com o tempo, aprender a se comunicar através da fala. Quando esse sujeito é inserido no ambiente escolar, inicia-se o processo de aprendizagem da língua padrão, ensinada através das Gramáticas Tradicionais, a qual muitas vezes é divergente da língua natural apreendida até então. Esse aluno ingressante, que já possuía sua “própria língua”, na escola descobre que tudo o que aprendeu é considerado errado e dessa forma, sua personalidade se perde abrindo espaço para o preconceito em relação a outros modos de se falar.

A linguagem é um fenômeno social e está ligada ao processo de dominação, tal como o sistema escolar, que é a fonte da dominação linguística”. A linguagem então está intrinsecamente ligada ao social, à dominação de classes, à manutenção do poder nas mãos da classe dominante (aquela que teve acesso à cultura, é óbvio). O indivíduo que frequentou uma escola, quando for à procura de um emprego, possivelmente, conseguirá um cargo melhor que aquele que não teve esse privilégio, isso ocorre porque a sociedade reforça o comportamento da escola, aceitando somente aquele que se utiliza do português padrão.

O papel das instituições escolares deveria ser o de ensinar o aluno que existe uma norma padrão, mas que também existem suas variações e que todos nós devemos identificar as situações nas quais utilizaremos uma em detrimento da outra, o aluno deve saber que não existe certo e errado, apenas situações de uso, para que o aluno não ache que o dialeto caipira, por exemplo é errado, ou que o jeito

como seus pais se comunica em casa (provavelmente informalmente) também é errado. O aluno como indivíduo inserido na sociedade deve saber refletir, não só sobre o uso da língua, mas sobre todas as questões que afetam a relação entre os seres humanos de maneira geral.

O objetivo principal da linguagem é a comunicação, o aluno deve saber disso.

OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) mostram que o professor de língua portuguesa deve propiciar ao aluno um ambiente em que este possa opinar, defender seus pontos de vista, aprendendo a respeitar opiniões diferentes, pois só assim o aluno adquirirá segurança, dominando a linguagem em diversas situações. Não é suficiente saber ler e escrever, é necessário ter a linguagem como um instrumento para participar efetivamente da sociedade, tornando-se um cidadão. Este é o objetivo principal da língua portuguesa.

O objetivo de formar cidadãos participativos que expressem suas opiniões e defendam suas ideias, utilizando a linguagem de forma clara e objetiva, deve ser trabalhado durante toda a vida escolar do aluno. Entretanto, os PCN's (1998) vão além, destacando que se deve fugir dos exercícios mecânicos, valorizando mais o trabalho a partir de textos e não de sentenças. A gramática normativa não deve ser tão valorizada em sala de aula, pois a maioria de seus exemplos é de formas arcaicas que não se utiliza mais, além de ressaltar mais as exceções do que as regras; é preciso trabalhar o texto para que o aluno mergulhe no prazer de ler e não o fragmentar, utilizando-o como pretexto para ensinar regras gramaticais.

Como sugere o documento do Ministério da Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 31):

Muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, é objeto de avaliação negativa. Para cumprir bem a função de ensinar à escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma "correta" de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a outras, o de que a fala "correta" é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso "consertar" a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas crenças insustentáveis produzem uma prática de mutilação cultural [...]

O professor deve usar como exemplo, a fala do aluno, para mostrar essa diferença e não como erro para se corrigir, esclarecendo que não existe uma única forma de se falar português, apresentando ao aluno as diversas variedades do português e as situações que devem ser utilizadas, ressaltando a importância de respeitar as diversas variações que o português adquiriu em cada região do país e em cada grupo socioeconômico.

O CARÁTER SOCIAL DA LINGUAGEM

Desde o início da Linguística, com os estudos de Sussure, a linguagem vem sendo encarada como um fenômeno eminentemente social, porém o estabelecimento de uma ciência enfocando especificamente esse aspecto, a sociolinguística, se deu apenas em 1964. Segundo Bright, "uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas" (apud Calvet, 2002, p.29).

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais e para poder ensinar a Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos.

Segundo BORTONI "Todas as sentenças produzidas pelos falantes de uma língua são bem formadas, independentemente de serem próprias da chamada língua padrão ou de outras variedades" (BORTONI – Ricardo, 2004, p.21).

O ensino da língua portuguesa também tem o papel de lutar contra as dominações sociais. Para Soares o indivíduo deve aprender a norma de prestígio "não para adaptar-se à sociedade, mas para lutar contra ela, para adquirir essa arma que os dominantes têm [...] um instrumento de luta contra a discriminação de luta contra a discriminação social [...] que permita ao indivíduo a participação política" (apud Faraco e Tezza, 2005, p.69).

UM CONCEITO LINGÜÍSTICO DE NATUREZA FISIOLÓGICA

O ser humano assim o é, um arquiteto da vida, tentando ajustar o mundo à sua própria existência; por ser autêntico, conquistador e de natureza extremamente temperamental.

Condições climáticas, sociais e políticas, já comprovaram exercer forte influência na transformação do homem, tanto no que se refere aos aspectos físicos e comportamentais, como também na forma pela qual condiciona o seu estado de sobrevivência na sociedade em que habita, na comunidade que frequenta, ou nas crenças que o conduzem, porém, nenhuma delas é tão marcante e soberana quanto a comunicação.

Aquilo que se fala foi no decorrer das eras amoldando-se comunitariamente em cada território do globo, praticamente condicionou-se margeando os primeiros rabiscos do ser humano até que dele surgissem linhas entendíveis coletivamente, e assim, formalizadas para que, dali em diante surgisse uma espécie de aceitação geral.

A fala deu origem às transcrições, e estas, às leituras, que por sua vez modificaram a fala, padronizando a grafia, que se tornou a gramática. Se refere aos primórdios, porém, não podemos deixar de classificar as mais recentes referências em relação aos estudos científicos dos séculos XIX e XX, como também um fator extremamente radical e persuasivo na escolha da comunicação formal para uma comunidade.

Para renomados mestres da ciência da comunicação, encontrar o ritmo do esclarecimento sobre as questões da fala humana bem como o seu discernimento é contribuir sobremaneira para que os homens possam valorizar ainda mais o contexto histórico de suas origens linguísticas, através da Diacronia Linguística, a fim de vislumbrar a natural evolução da raça como também do próprio Signo, incorporado em cada um de seus gestos, na coletividade.

Segundo o linguista e professor universitário William Labov (1927), um dos grandes influenciadores do estudo linguístico em relação ao comportamento social, denominado de Sociolinguística, a língua existe e sobrevive enquanto socializada, transformando-se em função de um contexto histórico-social.

A VARIEDADE LINGÜÍSTICA DO PORTUGUÊS E O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO

A variação linguística está muito ligada aos problemas de diferenças na fala e na escrita. Essas diferenças devem-se às transformações que ocorrem nas línguas ao longo do tempo, no entanto, essas transformações não devem ser vistas como erro e sim como um uso diferente da língua.

Existem muitas variações da língua portuguesa no Brasil, mas tradicionalmente elas são consideradas numa escala valorativa, por exemplo, a língua padrão é equivocadamente considerada como a língua do português correto, enquanto as outras, de menos prestígio, são tidas como erradas.

Segundo Bagno (2004) a língua falada é que é a verdadeira língua natural do indivíduo, a língua que o sujeito aprende na realidade em que vive, e que está em constante transformação. Por isso, não existe erro em língua, só se pode caracterizar um erro, quando a comunicação entre os interlocutores é comprometida.

Para o autor, ninguém fala errado porque quer ou porque é "burro", as pessoas simplesmente obedecem às regras gramaticais da variedade de sua língua, realizando uma pronúncia sistemática, assim, pronunciam as palavras sempre da mesma maneira, não por preguiça ou por falta de inteligência, mas por acharem que essa é a forma correta de falar.

De acordo com Bortoni (2004), os principais fatores responsáveis pela variação linguística são: os grupos etários: em uma mesma família, de uma mesma região, os avós falam diferente dos filhos e dos netos; o gênero: as mulheres costumam usar mais diminutivos, e a linguagem dos homens é mais marcada pelos palavrões ou gírias; o status socioeconômico: diferenças que representam desigualdades na distribuição de bens materiais que acabam refletindo em diferenças sociolinguísticas; o grau de escolarização: os anos que um indivíduo frequentou a escola interfere diretamente em seu repertório linguístico; e a rede social: indivíduos de uma mesma classe social adotam comportamentos semelhantes, inclusive características de seu repertório sociolinguístico.

O preconceito linguístico é, na verdade, um disfarce do preconceito social, pois não é apenas a linguagem da pessoa que é discriminada, mas sim a própria pessoa, pela sua situação econômica, geográfica, cor da pele etc. Podemos afirmar, então, que o preconceito linguístico é apenas um dos preconceitos embutidos num profundo e complexo preconceito social instaurado na sociedade brasileira.

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ESCOLA

Segundo Soares (1995), nossas escolas ainda estão longe de ser uma escola para todos, pois têm se mostrado incompetentes para lidar com a educação das camadas populares, acentuando cada vez mais as desigualdades sociais. Para a autora, é o uso da linguagem na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre os grupos sociais, gerando discriminações e fracassos, já que a escola usa e quer ver usada a variante padrão socialmente prestigiada.

É fundamental que a escola reconheça que existem as variações linguísticas e busque soluções para os problemas linguísticos que nela ocorrem, não impondo e aceitando somente a língua padrão, mas também incluindo a linguagem popular, ao invés de supervalorizar a gramática normativa. Isso porque esta, na maioria das vezes, não corresponde às necessidades de uso da língua portuguesa do Brasil, pois é baseada na norma gramatical de Portugal e as regras que são ensinadas na escola em muitos casos não correspondem à língua falada e escrita no Brasil.

A escola e os professores devem então estar atentos ao preconceito linguístico, e para isso Bagno (2005) propõe um ensino crítico da norma-padrão, em que a escola dê espaço para todas as manifestações linguísticas possíveis: rurais, urbanas, formais, informais, cultas, não cultas, orais, escritas etc. Assim, quando o aluno tem contato com todas as variações linguísticas, pode ter a possibilidade de escolha ao se expressar nas diferentes circunstâncias de interlocução.

A grande tarefa da escola com relação ao ensino de língua é ensinar e propor a reflexão da norma padrão, já que só se ensina algo que ainda não é sabido, para isso não é necessária a exclusão e a rejeição ao dialeto utilizado pelo aluno. O papel da escola é o de acolher e respeitar os diferentes dialetos, mas ao mesmo tempo possibilitar o aprendizado e o reconhecimento das variedades linguísticas, como forma de incentivar a aquisição de novas habilidades de uso da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível que a escola, apesar de ser tradicionalmente excludente, passe a contribuir profundamente para a libertação e formação do indivíduo, é seu papel lutar contra todos os tipos de preconceito, não só o preconceito linguístico, mas as discriminações sexuais, de raças e sociais. É assim que a escola proporcionará condições de aprender. É hora de a escola desvincular-se dos interesses sociais e políticos das classes dominantes para dar lugar à política das diferenças.

O ensino na escola, hoje, deve ser voltado à emancipação dos indivíduos, oportunizando a seus alunos “a construção de conhecimentos, destrezas, atitudes, normas e valores necessários para ser um bom cidadão”. As ações que a escola desenvolve devem levar o educando à tomada de decisões, a debates, à defesa de opiniões, objetivando a formação de cidadãos críticos.

A valorização da cultura popular por parte da escola pode ser o ponto principal na luta contra o preconceito e as desigualdades. Respeitar cada um na sua individualidade, proporcionar a todos condições iguais de aprendizagem deve ser o objetivo maior da escola.

Os professores de língua portuguesa deveriam levar o assunto ainda mais próximo da realidade dos alunos, que seria mostrar as variedades existentes dentro da comunidade em que eles estão inseridos, incentivando-os a pesquisar sobre a língua que eles falam, estimulando-os para que eles conheçam outras variedades e mostrando que as diferenças não são erros, mas apenas, diferenças. É importante essa busca para o desenvolvimento da aprendizagem.

Não se está com isso, querendo dizer que o aluno não comete desvios da norma padrão e que tenham que permanecer nessa condição de meros conhecedores, apenas dessa variedade, pelo contrário, deve-se pela escola, aprender as variedades, para assim poder transitar entre ambas com desenvoltura e, inclusive, aprender a respeitar estas variedades. Cabe, portanto, ao professor, como orientador, apresentar ao aluno as diversas formas da língua portuguesa, e fazê-lo compreender que cada situação exige sua própria variedade e que é necessário que ele as conheça para que possa expressar-se corretamente.

A escola tem que conscientizar-se que não pode contribuir para disseminação de preconceitos inclusive o linguístico que exclui seus alunos fazendo com que alguns desistam antes determinar o Ensino Fundamental, pois este é um dos vários motivos que levam alunos a desistirem de estudar, a distância que a escola e a sociedade elitista põem entre esses indivíduos e a língua portuguesa da elite, a norma culta e porque não dizer única, pois é o que as escolas estão pregando com esse ensino arcaico.

Sendo assim, apesar disso, observamos que os alunos têm noção do que seja preconceito linguístico e que ele existe, discriminando tanto quanto os outros tipos de preconceitos. Embora o governo tenha dado alguns passos em relação a esse ponto, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, que expõe o assunto e sugere estratégias para trabalhá-lo em sala de aula, sabemos que é pouco apenas elaborar um documento para combater um preconceito que atinge milhões de pessoas.

É preciso haver uma integração do governo, para que o professor se atualize e se capacite, podendo dedicar-se mais à pesquisa e, assim, melhorar suas aulas. E os professores que se conscientizem, pois estão transmitindo informações, auxiliando o indivíduo a construir seu próprio conhecimento. Sendo assim, formando cidadãos conscientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

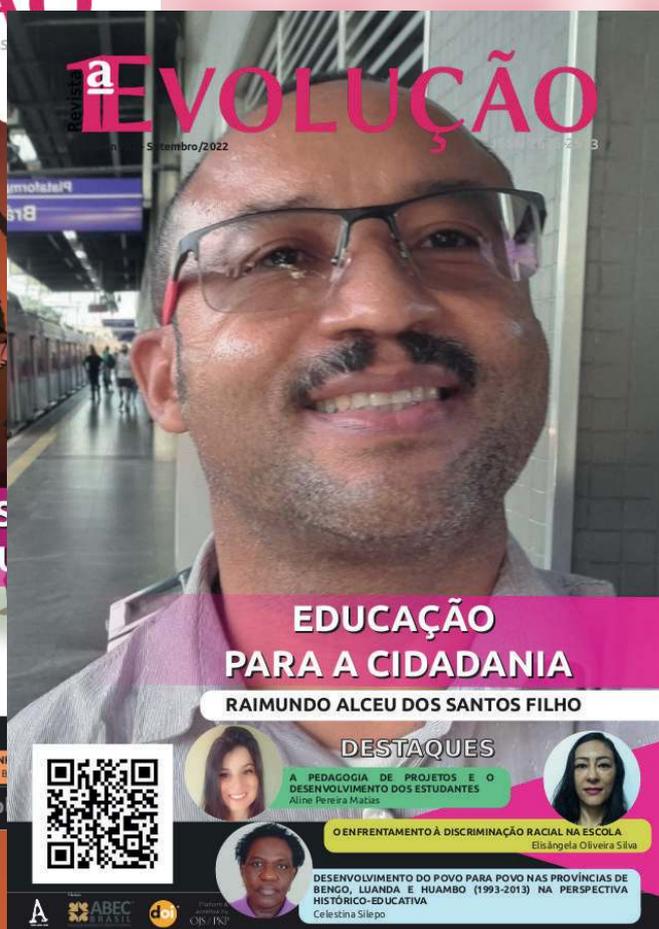
- BAGNO, M. (1999). **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola.
- _____, STUBBS, Michael, GAGNÉ, Gilles. O que é letramento? In: **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- _____. **A norma oculta. Língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola editorial, 2004.
- _____. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- _____. **Nada da língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 2007. São Paulo Parábola Editorial, 2007.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BORTONI-RICARDO, Estella Maris. **Educação em língua materna – a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- LOURENÇO, Julia. **Preconceito Linguístico e Ensino**. Encontrado em: http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/reportagem_lourenco.php. Acesso em 20 jul. de 2022.
- LOURO. G. L. (1997) **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes.
- POSSENTI, Sirio. Não existem línguas uniformes. IN FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. **Práticas de texto para estudantes universitários**, 13ª Ed. Petrópolis, Vozes, 2005.
- QUEIROZ, Sônia (orientadora); FERREIRA, Ana Flávia Inácio; SOUZA, Dennys Bacelete de; VALE, Denize Schenneider; LOPES, Edilson Salatiel; DIAS, Éicia Geraida ;NETO, Joaquim Guimarães Pereira; NEVES, Joelma de Fátima da Costa; MARQUES, José; MAGALHÃES, Magda Procópio; OLIVEIRA, Natalino da Silva de; SOUSA, Rosilene Fátima de; REIS, Sandra de Souza; FILHO, Sebastião Guimarães Costa. **Oralidade no ensino. Sugestões de Atividades**. Belo Horizonte. 2004. 2. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/vivavoz/data1/.../oralidadenoensino-site.pdf>. Acesso em 14 de jun. 2002.
- RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo. Martins Fontes, 1997.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doam-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- SOUZA, Luciane Felix da Silva. **O preconceito linguístico dentro e fora da escola**. Junia. 2010 p.46. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras – Habilitação em português/Inglês e respectivas literaturas do Instituto Superior de Educação da AJES. Disponível em > http://www.biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografias_20110915225707.pdf. Acesso em 17 de jul. 2022.
- Ensino da língua portuguesa: reconhecimento do preconceito e possibilidade de trabalho com a variedade padrão**. Autores Andreia Rezende Garcia Reis, Mariana Altomar Barbosa. Encontrado em: <http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/379-%E2%80%93-386-Ensino-de-L%C3%ADngua-Portuguesa-reconhecimento-do-preconceito-e-possibilidade-de-trabalho-com-a-variedade-padr%C3%A3o.pdf>. Acesso em 10 de ser. 2022.



Neide Benedita de Moraes

Graduada em Licenciatura Plena para o Magistério nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela UNESP; Pós Graduada em Educação Ambiental pela Universidade Católica Paulista; Bacharel em Direito pela Universidade São Francisco; Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

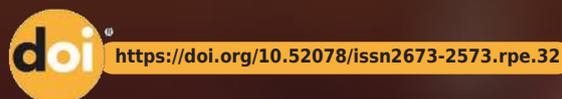
EVOLUÇÃO



ORGANIZAÇÃO:
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Aline Lima Carvalho
Aline Pereira Matias
Celestina Silepo
Elisângela Oliveira Silva
Gabriela Amorim Guerra Bezerra
Geni Santana Cardoso
Ilda Helena Domiciano Paukoski
Ismenia Maria Pires Vaz
Jonatas Hericos Isidro de Lima
Josefa Bezerra de Meneses
Mateus Canivonga e Bela Cadete
Neide Benedita de Moraes
Rosinalva de Souza Lemes
Rubia Mara Requena dos Santos
Silvana Trindade de Azevedo
Solange Alves Gomes Zaghi
Tatiane Pavão Ongaro Borges
Vanessa Izidorio de Arruda Domingues



Produzida com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

